

# A Doença da Vitória

Major Timothy M. Karcher, Exército dos EUA

*A proteção contra a derrota jaz em nossas próprias mãos, mas a oportunidade de derrotar o inimigo é oferecida pelo próprio inimigo.*

—Sun Tzu<sup>1</sup>

O COMANDANTE terrestre de maior antiguidade no Iraque, *Lieutenant General* William S. Wallace disse que “O inimigo que estamos combatendo é diferente daquele que enfrentamos nos jogos de guerra”.<sup>2</sup> O comentário do General Wallace identifica um perturbador fenômeno cultural que pode ser encontrado em toda a sociedade civil e militar americana. O problema surge de duas pré-condições necessárias — grande capacidade de combate e grande poder nacional, que fazem a Nação e suas forças militares suscetíveis a uma derrota futura significativa. Devido à poderosa força dos EUA, os líderes nacionais e militares podem ficar superconfiantes nas capacidades de suas Forças Armadas e subestimar as capacidades inimigas; duas práticas que poderiam semear o desastre.

Esse fenômeno cultural se manifesta numa tendência, chamada algumas vezes de Doença da Vitória, fazendo que uma nação seja suscetível a uma derrota nos futuros campos de batalha. Os analistas militares James Dunnigan e Raymond Macedonia destacam o conceito da Doença da Vitória no seu trabalho, *Getting It Right: American Military Reforms After Vietnam to the Gulf War and Beyond*.<sup>3</sup> Segundo Dunnigan e Macedonia, essa doença ameaça a nação que tem uma história de grande habilidade de combate e se manifesta por meio de três sintomas: arrogância, complacência e padrões estabelecidos de combate. À medida que estes sintomas se acumulam, o resultado poderá ser a derrota inesperada de uma nação anteriormente vitoriosa.

A Doença da Vitória nem sempre leva à derrota no campo de batalha; ela simplesmente aumenta a probabilidade do fracasso. Já que talvez existam

precondições para que os EUA sejam vítimas dessa doença, é mistério perguntar se o Exército dessa nação pode reduzir a possibilidade de desastres militares em futuras operações.

A Doença da Vitória poderá ocorrer em todos os definidos níveis da guerra — estratégico, operacional e tático. No nível estratégico, essa doença poderá afligir os cidadãos dessa nação, os líderes políticos nacionais e os líderes militares superiores. No nível tático e operacional da guerra, a doença poderá infectar os líderes e planejadores militares.

Para que se possa entender a Doença da Vitória, deve-se primeiro entender os seus sintomas. Exemplos históricos ilustram os sintomas da doença e como eles interagem para brindar a derrota. Raramente os sintomas são tão óbvios como parecem. Observar o passado destaca a clareza dos sintomas. Deve-se evitar julgar os líderes do passado, uma vez que a clareza vem através do prisma das análises históricas. O perigo decorre da facilidade e gradação do avanço da doença no pensamento dos líderes nacionais e militares.

## Os Sintomas na História

Certas precondições são necessárias para que ocorra a Doença da Vitória. A nação deve ter grande poder militar e uma história que inclua recentes vitórias. Forças militares que sofreram recentemente humilhantes derrotas analisam rapidamente suas falhas e procuram corrigi-las, enquanto militares vitoriosos raramente analisam suas recentes vitórias a fim de melhorarem ainda mais. A história registra mais casos de exércitos que sofreram derrotas e conseguiram se reerguer, do que vitoriosos analisando sua recente vitória.<sup>4</sup> Baseados na necessidade de um vasto poder nacional e de uma comprovada capacidade militar, os Estados Unidos são, sem dúvida, suscetíveis à Doença da Vitória. Uma vez que existem essas precondições,

os sintomas da Doença da Vitória poderão começar a florescer.

**Arrogância.** Uma nação com uma economia altamente desenvolvida e com forças armadas de comprovada reputação irá demonstrar um orgulho nacional que poderá facilmente virar arrogância. Arrogância nacional pode levar a uma expectativa de vitórias rápidas e decisivas em quase qualquer situação, especialmente em um conflito militar. No nível estratégico da guerra, os líderes militares de maior graduação começam a acreditar que suas forças, amplamente superiores, não podem ser derrotadas. Nos níveis operacional e tático da guerra, as unidades militares exibem arrogância com base nas suas vitórias no campo de batalha. Talvez o maior problema com a arrogância seja que ela conduz a expectativas não realistas, desde o nível nacional até o da menor unidade.

Eventos que ocorreram perto do Forte Phil Kearney, em Wyoming, no inverno de 1866, são um excelente exemplo de arrogância tática. O Forte Phil Kearney, próximo do moderno Forte Sheridan, foi o local onde ocorreram significativos contatos entre as Forças americanas e os hostis índios Sioux durante um período conhecido como “*Red Cloud’s War*”<sup>5</sup>. Durante o conflito, um jovem e impetuoso oficial, duas vezes promovido durante a Guerra Civil Americana, demonstrou um nível de arrogância fatal.<sup>6</sup> Recém chegado de sua missão no Leste, o Capitão William J. Fetterman, gabava-se que, com apenas 80 homens ele “poderia liquidar toda a Nação Sioux”, um inimigo que ele ridicularizava como sendo inferior a ele.<sup>7</sup>

Em 21 de dezembro de 1866, Fettermen conduziu seu comando (assustadoramente somando 81 homens) para uma bem preparada emboscada Sioux. Todos os membros de seu comando foram mortos.<sup>8</sup> O desprezo de Fettermen pela capacidade de luta dos Sioux e a abundante autoconfiança na capacidade superior de combate de sua própria força, mista de infantaria e cavalaria, ilustram o efeito da arrogância sobre um líder anteriormente vitorioso.

Os eventos que precederam a Guerra de Yom Kippur em 1973, que encontraram os israelenses inicialmente afligidos pela Doença da Vitória, são um bom exemplo do sintoma da arrogância nacional. Devido ao seu retumbante sucesso durante a Guerra dos Seis Dias em 1967, os israelenses acreditavam que suas forças eram superiores a qualquer força árabe. Para agravar a complacência existente, havia ainda a sua predominância sobre os árabes em três áreas críticas: inteligência, forças aéreas e blindadas.<sup>9</sup> Devido à sua arrogância, os israelenses colocaram apenas um limitado número de forças em suas fronteiras com o Egito (no Sinai, ao longo da Linha Bar-Lev) e Síria (na Colinas de Golan). Eles acreditavam que essas forças poderiam retardar suficientemente a ofensiva árabe para

permitir que as Forças de Defesa Israelenses mobilizassem suas reservas para outra vitória fácil.

Como disse um comandante de divisão israelense “As expectativas gerais das Forças de Defesa de Israel eram que qualquer guerra futura seria curta e com poucas baixas”.<sup>10</sup> Essa arrogância quase custou a Israel a sua primeira derrota nas mãos dos inimigos árabes, uma derrota que poderia ter resultado na total destruição do Estado Judeu. Esse exemplo é interessante, pois a arrogância israelense não resultou em derrota; no entanto, as condições para o fracasso existiam, e os primeiros dias da batalha foram traumáticos para a liderança israelense.

**Complacência.** À medida que a arrogância floresce, a idéia de invencibilidade cria uma atitude de complacência. O problema reside no pensamento dos líderes: “Podemos fazer isso com uma mão atada nas costas, não há razão para tanta agitação!” Essa complacência é resultante da crença arrogante de que as nossas próprias forças são intocáveis e invencíveis; portanto,

*A Doença da Vitória poderá ocorrer em todos os definidos níveis da guerra — estratégico, operacional e tático. No nível estratégico, essa doença poderá afligir os cidadãos dessa nação, os líderes políticos nacionais e os líderes militares superiores. No nível tático e operacional da guerra, a doença poderá infectar os líderes e planejadores militares.*

podemos nos tornar complacentes no planejamento das operações. Por exemplo, em nenhuma etapa do planejamento a complacência é mais evidente do que durante a análise da situação. Um entendimento superficial da cultura inimiga não irá determinar precisamente suas prováveis linhas de ação ou qual será a sua reação às nossas ações.<sup>11</sup>

A complacência é também evidente quando os planos de combate são feitos superficialmente, prática essa resultante da crença que a nossa superioridade militar é suficiente para garantir a vitória. Os líderes assumem que o inimigo é incapaz de afetar as ações amigas devido à suposta superioridade dessas. Esse sintoma da Doença da Vitória se desenvolve, com frequência, durante períodos de paz, conduzindo a um desempenho pobre na eclosão das hostilidades.

Após a vitória aliada na II GM, as Forças dos EUA tornaram-se complacentes à medida que mudavam das tarefas de combate para as de ocupação. A crença, cada vez maior, de que a nova era atômica iria reduzir a necessidade de forças terrestres de combate era mais um incentivo à complacência. Em nenhum outro lugar

essa complacência foi mais profunda do que no VIII Exército dos EUA, que ocupava o Japão naquela época. Essa força, composta da 7ª, 24ª e 25ª Div Inf e da 1ª Div de Cavalaria, encontrava-se pobremente equipada e inadequadamente adestrada e liderada.<sup>12</sup>

Um batalhão da 24ª Divisão de Infantaria comandado pelo Tenente-Coronel Charles B. Smith foi o primeiro elemento a responder à invasão pela Coreia do Norte em 1950. A unidade foi transferida às pressas, de sua missão de ocupação em Kyushu no Japão, para uma posição a três milhas ao norte de Osan, na Coreia do Sul. A partir desta posição, a Força-Tarefa Smith deveria bloquear o avanço da Coreia do Norte.<sup>13</sup>

*À medida que a arrogância floresce, a idéia de invencibilidade cria uma atitude de complacência. O problema reside no pensamento dos líderes: “Podemos fazer isso com uma mão atada nas costas, não há razão para tanta agitação! Essa complacência é resultante da crença arrogante de que as nossas próprias forças são intocáveis e invencíveis; portanto, podemos nos tornar complacentes no planejamento das operações.*

Infelizmente, os soldados da FT Smith estavam des-preparados para a missão. A tarefa de ocupação no Japão tinha severamente restringido o seu treinamento, pois as ilhas japonesas, abarrotadas com casas, não tinham espaço para áreas adequadas de treinamento para exercícios de unidades maiores que companhia.<sup>14</sup> A tarefa de ocupação também tinha afetado adversamente a disciplina, levando a uma atmosfera de comando mais relaxada do que aquela que normalmente é encontrada em unidades de combate avançadas.<sup>15</sup> Finalmente, como resultado da limitada necessidade de munição para o serviço de ocupação, os soldados da FT Smith foram enviados para a guerra com um suprimento inadequado, principalmente de munições anticarro. Como resultado dessa complacência, os homens da FT Smith foram virtualmente empurrados para um lado pela 4ª Div Inf da Coreia do Norte que avançava.

Da mesma forma que a FT Smith se encontrava des-preparada para a eclosão da guerra da Coreia, a Nação estava des-preparada para a Guerra Civil deflagrada há quase 90 anos antes. Naquela época, o Exército dos EUA era um minúsculo instrumento de segurança na fronteira oeste. Não se encontrava organizado e adestrado para conduzir os maciços combates que ocorreriam durante os próximos quatro anos.

Por causa da complacência, o Exército dos EUA

não havia feito nenhum melhoramento na sua doutrina desde a Guerra Mexicana-Americana, nos fins da década de 1840. A falta de mudança da doutrina é ainda mais surpreendente a luz dos grandes progressos na tecnologia de armamentos, que estendeu a zona letal entre as forças oponentes de menos de 140 metros para mais de 450 metros.<sup>16</sup> A complacência nacional é talvez mais evidente entre a maioria dos americanos, que previu uma rápida conclusão da guerra como resultado de uma única batalha.<sup>17</sup> Essa atitude complacente ficou evidente quando muitos funcionários do governo e residentes de Washington DC, viram, de fato, o avanço das forças da União, na Virgínia, para a primeira batalha de Bull Run.<sup>18</sup> Os espectadores civis, na esperança de observar a batalha e a derrota do Exército Rebelde, debandaram do campo de batalha, em confusão e temor após a vitória confederada. A multidão complacente da União, subestimando o inimigo e esperando uma rápida conclusão para a guerra, estava totalmente despreparada para a derrota inicial.

A percepção do poder nacional e uma história de sucessos levaram à arrogância. A arrogância, por sua vez, levou à complacência. Devido à gravidade dos sintomas de arrogância e complacência, essa última prepara os líderes nacionais e militares para os padrões habitualmente empregados, tornando-os altamente suscetíveis à perda da iniciativa, caso o inimigo aja de forma inesperada.

## **Empregando Padrões Estabelecidos**

À medida que a arrogância e a complacência crescem, os líderes militares e nacionais começam a acreditar que uma abordagem padrão será suficiente em muitos cenários, mas o emprego de padrões compromete a nossa própria força quando luta contra um inimigo inteligente. Se a força empregar um padrão comprovado para resolver problemas táticos similares, e o inimigo reagir de forma padrão, provavelmente a força será bem-sucedida. O perigo ocorre quando o inimigo se nega a jogar segundo as regras e reage de uma maneira nova ou diferente. Uma força afligida pela Doença da Vitória terá simplesmente realizado um planejamento sumário. Conseqüentemente, reações inimigas inesperadas irão chocar a força amiga e permitir que o inimigo ganhe a iniciativa. Ceder a iniciativa ao inimigo torna-se a causa mais provável para a derrota. Os sintomas cumulativos da Doença da Vitória teriam tido o seu efeito; um inimigo que aprendeu a se adaptar irá derrotar a força amiga.

A experiência militar britânica durante as guerras Zulu, nos fins do século XIX, ilustra os sintomas da Doença da Vitória. A população nativa Zulu da África do Sul era nada mais que outro povo indígena para o



A Guerra de Yom Kippur em 1973 nas Colinas de Golan.

Exército britânico derrotar, durante a colonização da África pela Coroa. Antes de combater os Zulus, o Exército britânico havia lutado contra os Boers, na disputa de terras no extremo sul da África. No entanto, a maior parte da experiência do combate colonial britânico resultou de batalhas contra as tribos indígenas da região: os Xosas, os Pedis e finalmente os Gcalkas.<sup>19</sup>

A derrota britânica na Batalha de Isandlwana, no dia 22 de janeiro de 1879, ilustra o perigo de uma força militar que emprega padrões estabelecidos em uma campanha. Durante o planejamento da campanha que concluiu com a derrota de Isandlwana, o comandante britânico, Lord Chelmsford, planejou combater os Zulus da mesma forma como havia antes “combatido uma pequena guerra suja na região do Cabo obtendo a vitória”.<sup>20</sup> Infelizmente, os Zulus não usaram a guerra de guerrilha como havia ocorrido com os oponentes anteriores e trouxeram para o campo de batalha um enorme exército. As forças de Chelmsford avançaram em três colunas convergentes. Em Isandlwana, o Exército Zulu atacou uma das colunas britânicas, que não suspeitava do ataque e que se encontrava acampada, destruindo-a quase totalmente.

A Batalha de Isandlwana proporcionou ao Império britânico o ímpeto necessário para destruir eventualmente o Reino Zulu, mas não antes de perder mais de

*Os eventos que precederam a Guerra de Yom Kippur em 1973, que encontraram os israelenses inicialmente afligidos pela Doença da Vitória, são um bom exemplo do sintoma da arrogância nacional. Devido ao seu retumbante sucesso durante a Guerra dos Seis Dias em 1967, os israelenses acreditavam que suas forças eram superiores a qualquer força árabe. . . . Devido à sua arrogância, os israelenses colocaram apenas um limitado número de forças em suas fronteiras com o Egito (no Sinai, ao longo da Linha Bar-Lev) e Síria (na Colinas de Golan). Eles acreditavam que essas forças poderiam retardar suficientemente a ofensiva árabe para permitir que as Forças de Defesa Israelenses mobilizassem suas reservas para outra vitória fácil.*

1.300 soldados. Neste exemplo o efeito negativo do emprego de padrões estabelecidos é evidente. A reação inimiga virou a maré do combate contra a força britânica afetada pela Doença da Vitória.

A experiência japonesa na II GM ilustra, no nível estratégico nacional, o sintoma da rotina no emprego

de padrões estabelecidos. Neste exemplo, os japoneses reviveram uma estratégia de quase 40 anos em uma tentativa de assegurar um império no Pacífico. Em 1904, os japoneses lançaram um ataque de surpresa à Esquadra Russa no Pacífico, localizada, na época, no Porto Arthur. Em conjunto com esse ataque naval foi realizado um ataque terrestre para derrotar as forças russas na Manchúria. O objetivo dessa operação conjunta era obter “uma vitória tão rápida e decisiva que os recursos superiores daquele Estado não pudessem ser desdobrados para entrar em ação”.<sup>21</sup>

Quarenta anos mais tarde, quando os japoneses perceberam que os EUA poderiam ser uma ameaça ao seu império, em construção no Pacífico, escolheram uma estratégia similar de ataque de surpresa contra a frota

*Possuindo um entendimento profundo dos sintomas da Doença da Vitória, a Nação começa a procurar meios para vacinar esses líderes. Já que o resultado da Doença da Vitória é o fracasso, a necessidade de uma vacina é tão óbvia que muitos não podem encontrá-la. Hoje em dia, muitos líderes militares americanos buscam a tecnologia, tais como sensores e ferramentas analíticas computadorizadas, para resolver problemas do campo de batalha.*

americana em Pearl Harbor. Simultaneamente, invadiram outros territórios em toda a área do Pacífico, na tentativa de estabelecer um perímetro de defesa estratégica.<sup>22</sup>

Os japoneses tentaram uma estratégia similar a do seu bem-sucedido plano de 1904, mas em uma escala muito maior e com um retorno ainda melhor, caso tivesse sucesso. Entretanto, havia também a possibilidade da aniquilação nacional, caso fracassassem.<sup>23</sup> Por várias razões, os japoneses fracassaram em lançar um ataque verdadeiramente fulminante contra os EUA em 1941. Os aliados puderam reconstituir suas forças e eventualmente derrotaram o Japão em 1945.

O Japão empregou uma estratégia nacional que brindou grande êxito no passado, mas que levou à derrota total 40 anos depois. O hábito de empregar padrões estabelecidos pode deixar uma nação sujeita à derrota, já que todas as campanhas devem ser vistas segundo o seu próprio contexto.

## **A Natureza Complexa desses Sintomas**

Os sintomas da doença, em conjunto, se desenvolvem até ao ponto de criarem quase um caso fatal de Doença da Vitória. O perigo dessa doença, para as Forças

dos EUA, é permitir que nossos inimigos predigam facilmente nossas respostas a um dado estímulo. Um princípio básico de guerra que o Exército dos EUA adota é a manutenção da iniciativa em todas as ações militares, ao invés de apenas reagir às ações inimigas. Uma vez que os líderes militares e nacionais atacados pela Doença da Vitória têm predisposição para empregar os padrões estabelecidos, o inimigo poderá prever suas ações e tomar a iniciativa. Assim, uma força armada sofrendo da Doença da Vitória tem grande probabilidade de perder a iniciativa. Nisto reside o maior perigo da Doença da Vitória.

Baseado nessa análise de intensificação dos efeitos pode-se observar como essa doença afeta os líderes militares e nacionais. À medida que crescem os sintomas, a Nação e as Forças Armadas chegam, pouco a pouco, mais perto do fracasso. No nível tático, a força que sucumbe à Doença da Vitória, provavelmente irá perder a batalha. No nível estratégico, a doença poderá acarretar um fracasso nacional.

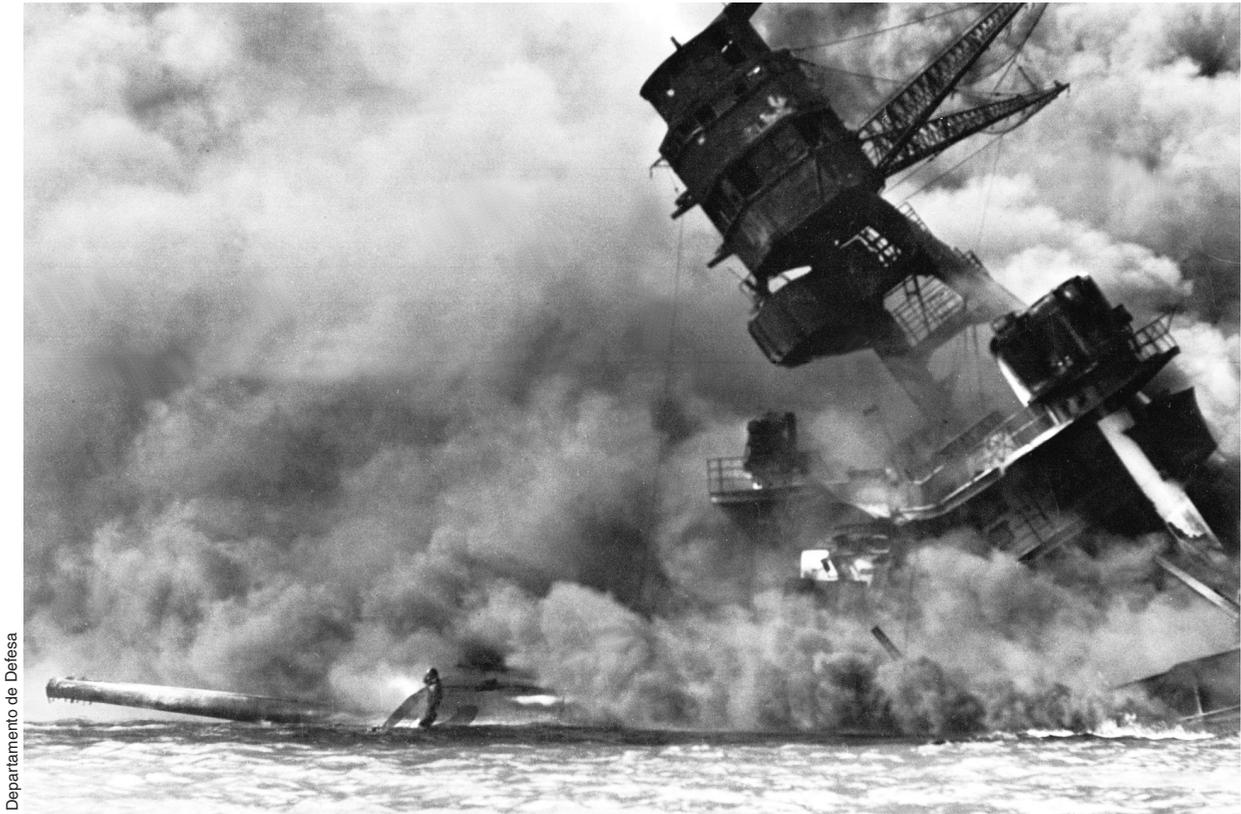
Através do prisma da análise histórica, os sintomas da Doença da Vitória são evidentes, mostrando claramente como essa doença cresce dentro de uma operação militar e leva, cada vez mais, à probabilidade da derrota no campo de batalha. Como resultado, devemos procurar meios para vacinar os líderes nacionais e militares para reduzir as oportunidades deles caírem vítimas dessa doença fatal.

Possuindo um entendimento profundo dos sintomas da Doença da Vitória, a Nação começa a procurar meios para vacinar esses líderes. Já que o resultado da Doença da Vitória é o fracasso, a necessidade de uma vacina é tão óbvia que muitos não podem encontrá-la. Hoje em dia, muitos líderes militares americanos buscam a tecnologia, tais como sensores e ferramentas analíticas computadorizadas, para resolver problemas do campo de batalha. Na procura de uma vacina para a Doença da Vitória, essas soluções tecnológicas não são o suficiente.

A única vacina que irá proteger a nação e seus militares de sucumbirem à Doença da Vitória é o conhecimento dos sintomas da doença. A doença penetra lentamente no planejamento por meio de hipóteses verbalizadas durante o processo de planejamento, mas produz seu veneno durante a execução. Ao testar a validade dessas hipóteses continuamente durante o processo de planejamento, pode-se limitar a possibilidade de cair na armadilha da doença. Portanto, a vacina constitui-se no conhecimento dos sintomas e no entendimento das causas da doença.

## **Como Administrar a Vacina**

Enquanto buscamos uma vacina que eliminará os efeitos da Doença da Vitória, vale lembrar que três grupos principais devem ser vacinados: a população em geral,



Departamento de Defesa

*O USS Arizona em chamas após o ataque japonês a Pearl Harbor, 7 de Dezembro de 1941.*

os líderes nacionais e os militares. Cada grupo deve ser vacinado de uma forma diferente, mas os líderes militares são a chave para a prevenção da propagação da Doença da Vitória. Assim sendo, o programa de vacinação deve começar neste nível.

As vacinas prováveis para os líderes militares se originam de uma variedade de fontes. O sistema de educação de Oficiais poderia oferecer um maior estudo de história militar e destacar os exemplos passados da Doença da Vitória. Possuir conhecimento sobre a doença e seus sintomas provavelmente irá aumentar a vigilância por parte dos líderes militares e planejadores, tornando-os mais resistentes aos efeitos da doença. A doutrina de planejamento do Exército é outra fonte para possíveis vacinas, porque muitos dos sintomas da Doença da Vitória têm raízes nas hipóteses geradas durante o processo de planejamento. Desafiar as próprias hipóteses durante o processo de planejamento é essencial, garantindo que os efeitos da Doença da Vitória não encontrem uma via para penetrar no plano.

Uma vez consciente dos efeitos da doença, os líderes militares são responsáveis por alertar os líderes nacionais sobre os debilitantes efeitos da mesma. Líderes militares podem alertar a respeito dos sinto-

mas à medida que estes surgem no planejamento estratégico, resistindo ao mesmo tempo ao oposto extremo da supercautela. Conhecedores do conceito da Doença da Vitória e de seus sintomas, os líderes nacionais

*O Japão empregou uma estratégia nacional que brindou grande êxito no passado, mas que levou à derrota total 40 anos depois. O hábito de empregar padrões estabelecidos pode deixar uma nação sujeita à derrota, já que todas as campanhas devem ser vistas segundo o seu próprio contexto.*

devem continuamente testar suas hipóteses durante todo o processo de planejamento. O objetivo da educação dos líderes nacionais é moderar as expectativas não realistas e evitar que acreditem que as Forças dos EUA podem vencer rápida e decisivamente qualquer batalha, ao custo de poucas baixas amigas.

Os líderes nacionais têm a responsabilidade de informar à população sobre esse novo conhecimento. Devem também fazer uso da mídia para administrar as percepções do povo americano evitando assim

possíveis expectativas falsas. Uma fonte comum dessas expectativas irreais é a mídia. Uma vez que a mídia as aceita, elas são rapidamente transferidas para a população. Quando permitidas, as expectativas falsas são um meio para o fracasso militar, porque desgastam o apoio nacional para o esforço da guerra ou porque podem desgastar a prontidão e o preparo enquanto buscam economizar recursos financeiros a curto prazo.

Ao analisarmos os relatórios pós-ação das operações no Iraque, devemos tentar discernir quaisquer indicações de Doença da Vitória. Sem dúvida, as pré-condições necessárias existem para os EUA serem vítimas dos efeitos da Doença da Vitória. A posição dos Estados Unidos como a única superpotência global, combinada com sua vasta e forte economia e história de grande perícia militar, são excelentes campos para a propagação dessa doença. Essas características são elementos dignos de orgulho, mas

infelizmente o orgulho nacional tem o potencial de se transformar em arrogância.

O objetivo deste artigo não é criticar ou erodir a autoconfiança dos militares dos EUA. O objetivo é destacar a necessidade de uma constante análise do inimigo e das forças amigas. As FA dos Estados Unidos devem constantemente procurar obter uma melhor compreensão dos seus inimigos e ter cuidado para não subestimar um adversário em potencial. Da mesma forma, os líderes nacionais e militares devem reconhecer as capacidades e limitações de suas próprias forças para garantir que recebam tarefas de acordo com suas capacidades e limitações. O objetivo é garantir que os EUA mantenham a iniciativa, forcem o inimigo a reagir e finalmente derrotem o adversário. Tendo sido exposto às probabilidades do fracasso, o Exército dos EUA deve dedicar-se a aumentar o conhecimento dos líderes, diminuindo as possibilidades de virem a ser vítimas da Doença da Vitória. **MR**

---

---

## Referências

1. Sun Tzu, *The Art of War*, Capítulo IV, Tactical Dispositions #2, pode ser encontrado na Web: <www.kimsoft.com/polwar4.htm>, 1º de maio de 2003.
2. *Lieutenant General* William S. Wallace, citado no trabalho de Rick Atkinson, "General: A Longer War Likely: Ground Commander Describes Obstacles," *The Washington Post*, 28 de março de 2003, A1.
3. James Dunnigan e Raymond Macedonia: *Getting It Right: American Military Reforms After Vietnam to the Gulf War and Beyond* (Nova York: William Morrow and Company, Inc., 1993), p. 21.
4. Muitos historiadores e analistas militares citam o exemplo do Exército alemão após a invasão da Polônia como um caso no qual um Exército bem-sucedido avaliou honestamente seus fracassos após a vitória implementando melhoramentos ao seu sistema e doutrina. Embora isso tenha ocorrido, devemos lembrar que, enquanto Adolfo Hitler e seu partido de elite foram inspirados pela rápida vitória do Exército alemão, os seus generais viram muitas deficiências no próprio sistema que, com certeza, seria explorado por um adversário mais competente.
5. S. L. A. Marshall, *Crimsoned Prairie: The War Between the United States and the Plains Indians During the Winning of the West* (Nova York: Scribner's Sons, 1972), p. 83. A Guerra da Nuvem Vermelha (*Red Cloud's War*), ficou assim conhecida porque seu planejador foi um chefe índio da tribo Ogalalla Sioux chamado de Nuvem Vermelha. A Guerra da Nuvem Vermelha foi uma das poucas vezes na história que os EUA cederam às exigências do inimigo e assinaram um tratado que continha condições desfavoráveis ao Governo norte-americano. Como resultado das negociações que puseram fim à Guerra da Nuvem Vermelha, os EUA abandonaram os seus fortes ao longo do *Powder River*, nos estados de Wyoming e Montana.
6. F.B. Heitman, Registro Histórico do Exército dos EUA: desde sua organização em 29 de setembro de 1789 até 29 de setembro de 1889 (Washington, DC: The National Tribune, 1890), p. 436. O Exército do século XIX concedia promoções não remuneradas para ações de grande bravura.
7. Cyrus T. Brady, *Indian Fights and Fighters* (Lincoln: University of Nebraska Press, 1971), p. 23.
8. *Ibid.*, pp. 24-32.
9. George W. Gawrych, "The 1973 Arab-Israeli War: The Albatross of Decisive Victory," *Leavenworth Papers*, Nº 21 (Forte Leavenworth, KS: Instituto de Estudos do Combate, 1996), p. 5.
10. Avraham Adan, *On the Banks of the Suez: An Israeli General's Personal Account of the Yom Kippur War* (Jerusalem: Edanim Publishers, 1979), xii.
11. Douglas Scalard, "People of Whom We Know Nothing: When Doctrine Isn't Enough," no endereço Web <www.cgsc.army.mil/milrev/English/julaug97/scalard.htm>, 22 de fevereiro de 2003. O conceito de ignorância conquistável de Aldous Huxley é apropriado para a falta de ênfase das FA dos EUA a respeito de inteligência cultural. Baseado na ignorância conquistável, sabe-se que ele não tem conhecimento da cultura inimiga, mas também não considera que um entendimento da mesma seja essencial à vitória. Essa falta de inteligência cultural é sem importância já que a nossa própria força é insensível e o inimigo é virtualmente impotente.
12. Roy Flint, "Task Force Smith and the 24th Division: Delay and Withdrawal, 5-19 de Julho de 1950," *America's First Battles: 1776-1965*, editores: Charles Heller and William Stofft (Lawrence: University Press of Kansas, 1986), pp. 269-74.
13. *Ibid.*, pp. 277-79.
14. T. R. Fehrenbach, *This Kind of War* (Nova York: MacMillan, 1963; reimpresso, Washington, DC: Brassey's, 1994), p. 66.
15. *Ibid.*, p. 66.
16. W. Glenn Robertson, "First Bull Run, 19 July 1861," *America's First Battles: 1776-1965*, editores, Charles Heller e William Stofft (Lawrence: University Press of Kansas, 1986), p. 86.
17. *Ibid.*, p. 88.
18. John MacDonald, *Great Battles of the Civil War* (Nova York: MacMillan, 1992), p. 12.
19. Lawrence James, *The Savage Wars: British Campaigns in Africa, 1870-1920* (Nova York: St. Martin's Press, 1985), pp. 32, 34-36.
20. Ian Knight, "The Battle of Isandlwana: Wet with Yesterday's Blood," pode ser encontrada na web <www.battlefields.co.za/history/anglo-zulu\_war/isandlwana/isandlwana\_ian%20knight.htm>, 13 de dezembro de 2002.
21. Noel F. Busch, *The Emperor's Sword: Japan vs. Russia in the Battle of Tsushima* (Nova York: Funk & Wagnalls, 1969), p. 65.
22. R. Ernest Dupuy e Trevor N. Dupuy, *The Harper Encyclopedia of Military History*, 4ª edição. (Nova York: HarperCollins Publishers, 1993), pp. 1.232.
23. Busch, pp. 218-20.

---

---

*O Major Timothy M. Karcher é aluno na Escola de Estudos Militares Avançados, no Forte Leavenworth, Kansas. Possui os títulos de Bacharel pela University of Missouri-Columbia, e de Mestre em História Militar pela Escola de Comando e Estado-Maior no Forte Leavenworth, Kansas. Serviu em várias posições de comando e estado-maior no território continental dos EUA e na Europa.*